

## A PALAVRA PROSÓDICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO SOBRE O ESTATUTO PROSÓDICO DAS PALAVRAS FUNCIONAIS

Priscila Marques TONELI<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** This paper discusses the prosodic behavior of the function words in Brazilian Portuguese. Our hypothesis is that, depending on the position they occupy within an intonation phrase (I), function words can be prosodized as independent phonological words or as clitics. When in internal position within I, they are not pronounced as stressed. In this case, they adjoin to the following lexical word in the post-lexical level, behaving like a free clitic. On the other hand, if they occupy the final position of I, they can receive a stress post-lexically, behaving like independent prosodic words.

### Introdução

Em todas as línguas há a distinção entre classes abertas e classes fechadas. As primeiras se definem por permitir a criação de novas palavras a partir de um item lexical já existente na língua, enquanto as segundas não apresentam tal característica.

Segundo Miotto et al (2004), a preposição, apesar de ser uma palavra funcional, pode funcionar como núcleo lexical, pois é capaz de selecionar argumentos semanticamente e atribuir papel temático a eles.

Entretanto, essa discussão leva em conta apenas os aspectos sintáticos e semânticos na distinção entre palavras pertencentes à categoria lexical e as pertencentes à categoria funcional. Quanto ao aspecto fonológico, Cook & Newson (1996) definem as categorias lexicais como fonologicamente independentes e portadoras de acento próprio, enquanto as funcionais são fonologicamente dependentes, pois são desprovidas de acento.

Esta propriedade fonológica remete à distinção quanto ao estatuto prosódico das palavras pertencentes à categoria lexical (palavras prosódicas independentes), e das pertencentes à categoria funcional, as quais se comportam como clíticos prosódicos (desprovidas de acento).

Levando em conta estas considerações, o objetivo deste trabalho é o estudo piloto do estatuto prosódico das palavras funcionais em Português Brasileiro (doravante PB), com base na análise do comportamento prosódico destas palavras em um *corpus* de fala desta variedade de português. Buscaremos, com a realização deste trabalho, trazer contribuições para o estudo da “palavra prosódica” em PB.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/ Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). E-mail: [pntoneli@gmail.com](mailto:pntoneli@gmail.com).

## Fundamentação teórica

Por tratarmos de uma questão referente à interface morfossintaxe-fonologia, é necessário apresentarmos a fundamentação teórica sobre prosódia e sobre alguns estudos relacionados a prosodização das categorias funcionais, tal como Nespor & Vogel (1986), Selkirk (1995) e Vigário (1995), nos quais nos basearemos para o desenvolvimento desse trabalho.

Para estudarmos a palavra prosódica em PB, seguiremos a proposta de Nespor & Vogel (1986), pois as autoras afirmam que a palavra fonológica ( $\omega$ ) é a categoria que imediatamente domina o pé ( $\Sigma$ ), e todos os pés de uma dada seqüência devem ser agrupados em palavras fonológicas e não em outras categorias. As autoras não tratam especificamente das palavras funcionais neste trabalho, mas do algoritmo de construção da palavra fonológica.

Ao contrário de Nespor & Vogel (1986), Selkirk (1982) faz referência às palavras funcionais dizendo que elas têm propriedades fonológicas diferentes das palavras lexicais em qualquer língua. Segundo ela, as estruturas que contêm palavras funcionais (Func) podem ser prosodizadas de várias maneiras, já que a sua prosodização reflete a maneira como são organizadas em palavras prosódicas nas sentenças.

Um sintagma formado por uma seqüência de palavras lexicais (Lex) na representação morfossintática (*S-structure*) é prosodizado como uma seqüência de palavras prosódicas (PWd) em uma representação fonológica (*P-structure*). No entanto, quando o sintagma é composto por uma palavra funcional e uma palavra lexical, [Func Lex], por exemplo, quatro diferentes organizações em palavras prosódicas estão, em princípio, disponíveis:

- |                        |       |                                                              |                                  |
|------------------------|-------|--------------------------------------------------------------|----------------------------------|
| (1) <i>S-structure</i> |       | [Func Lex]                                                   |                                  |
| <i>P-structure</i>     | (i)   | ((func) <sub>PWd</sub> (lex) <sub>PWd</sub> ) <sub>PPh</sub> | Prosodic word                    |
|                        | (ii)  | (func (lex) <sub>PWd</sub> ) <sub>PPh</sub>                  | Prosodic Clitics:<br>free clitic |
|                        | (iii) | ((func lex) <sub>PWd</sub> ) <sub>PWd</sub> ) <sub>PPh</sub> | internal clitic                  |
|                        | (iv)  | ((func(lex) <sub>PWd</sub> ) <sub>PWd</sub> ) <sub>PPh</sub> | affixal clitic <sup>2</sup>      |

Para Selkirk (1995), a diferença entre uma palavra lexical e uma funcional é que as palavras funcionais não têm o estatuto de palavra prosódica na representação fonológica e que podem aparecer como uma variedade de clíticos prosódicos em uma mesma língua e em outras. Isto porque as fronteiras das palavras funcionais não estão alinhadas com as fronteiras das palavras prosódicas, assim como as fronteiras das palavras lexicais estão alinhadas com as fronteiras das palavras prosódicas, estando as palavras funcionais livres para serem organizadas de outro modo, tais como os apresentados em (1).

---

<sup>2</sup> O clítico prosódico usado por Selkirk diz respeito à palavra prosódica, pois todos os clíticos prosódicos são definidos pela autora em termos da relação de dominância e irmandade em relação à PWd. Tais definições para palavra funcional são motivadas nas duas línguas estudadas pela autora, o Inglês e Servo-Croata.

Se uma palavra funcional for pronunciada isoladamente, ela aparece como uma forma ‘forte’, sendo acentuada e com uma vogal de qualidade igual à de monossílabos da categoria lexical. Outras formas de terem a configuração de ‘forte’ é quando aparecem focalizadas, pois recebem um acento tonal (*pitch accent*) ou um acento frasal (*phrasal accent*), os quais são associados respectivamente às sílabas acentuadas e ao final de um sintagma. Se não atenderem essas exigências, as palavras funcionais serão prosodizadas como algum dos tipos de clíticos prosódicos apresentados em (1).

Na tentativa de definir o estatuto prosódico das palavras funcionais em Português Europeu, Vigário (1995) discute que tais palavras, quando desacentuadas, são prosodizadas como sílabas átonas, fazendo uso de estruturas de incorporação ou de adjunção.

A autora notou que as palavras funcionais observadas, tais como preposição, artigos, pronomes pessoais, conjunções e complementizadores são prosodizadas no léxico como sílabas, e não como pés ou palavras fonológicas. Por não portarem acento lexical, elas precisam de um hospedeiro para apoiar-se, no entanto, esse processo de adjunção ou incorporação das funcionais a um hospedeiro ocorre no pós-léxico.

Assim, no nível pós-lexical, os enclíticos são incorporados à palavra fonológica precedente, e já os proclíticos, tal como as preposições, clíticos pronominais pré-verbais e artigos definidos, são adjungidos à palavra fonológica seguinte.

Um pouco diferente dos enclíticos e dos proclíticos em PE, os complementizadores podem formar palavras fonológicas independentes no nível pós-lexical, quando ocupam a posição final ou inicial de uma frase entoacional (*I*), pois ganham proeminência de *I*. Nos casos em que o complementizador finaliza *I*, ele é o núcleo de *I* e acaba recebendo um acento tonal (*pitch accent*). No entanto, se os complementizadores não forem pós-lexicalmente acentuados, eles parecem ser proclíticos, unindo-se à palavra fonológica precedente no domínio de  $\phi$  ou de *I*.

Bisol (2000) trata do *status* prosódico dos clíticos no PB, e, que segundo ela, são difíceis de classificar, pois (i) diferem da palavra fonológica por não receberem acento lexical, (ii) diferem de afixos flexionais por serem formas livres, e (iii) diferem dos afixos derivativos por não serem periféricos. Além disso, (iv) são identificados prosodicamente como elementos fracos. Dentre as classes gramaticais das quais podem fazer parte, temos os verbos, as preposições, as conjunções, os artigos e os pronomes. Em alguns casos, podem receber acento enfático, porém não se trata de acento lexical, o qual define uma palavra fonológica.

Diante dessas considerações, a autora defende a idéia de que o clítico se adjunge a um hospedeiro no nível pós-lexical e juntos formam um constituinte prosódico maior que a palavra prosódica, ou seja, o grupo clítico, segundo Nespor & Vogel, ou como é chamado pela autora, a palavra prosódica pós-lexical.

### **Corpus e metodologia**

O *corpus* analisado nesse trabalho é composto de 17 gravações de PB do texto “Complicabilizando” de Ricardo Freire, publicado na Revista Época em 25 de setembro de 2003. As gravações dizem respeito à leitura do texto citado realizadas por 17 informantes, falantes nativos do PB.

A metodologia utilizada consistiu em um levantamento das palavras funcionais presentes no texto pertencentes à categoria funcional, tal como preposições, artigos definidos e indefinidos, pronomes pessoais, interrogativos e relativos, conjunções e complementizadores <sup>3</sup>. Em seguida, fizemos a divisão das palavras em monossilábicas e dissilábicas. Tal divisão é importante porque as dissilábicas, se não sofrem reduções vocálicas, formam um pé, recebendo acento, e, portanto, podem ser consideradas palavras prosódicas independentes. Já as palavras funcionais monossilábicas, se não são constituídas por sílaba inerentemente tônica e não são focalizadas, não podem ser consideradas palavras prosódicas independentes. As categorias encontradas no *corpus* estão apresentadas em (2).

(2)

Categorias funcionais	Monossilábicas	Dissilábicas
Preposições	a, de, em, com, sem, por	para, até, como, contra, daqui, entre, fora
Artigos definidos	o, a, os, as	
Artigos indefinidos	um	uma
Pronomes pessoais	me, se	
Conjunções	nem, ou, e, se, mas, que	caso, desde, talvez, porque
Pronome relativo	que	
Complementizadores	que, de	
Pronome interrogativo	que	

A análise dos dados apresentada é baseada na percepção auditiva do investigador, quando as palavras funcionais estudadas são produzidas em posição inicial, medial e final de *I*.

### Análise e discussão dos resultados

As palavras funcionais monossilábicas são essencialmente desacentuadas. Se não são focalizadas, nem inerentemente tônicas, como a partícula negativa ‘não’, nem estão em final de sintagma entoacional (*I*), as palavras funcionais serão formas ‘fracas’, apresentando propriedades de sílabas sem acento, propensas, por exemplo, a sofrer redução da vogal, e, logo, não podem ser consideradas palavras prosódicas independentes.

No caso das palavras funcionais dissilábicas, se não sofrem reduções vocálicas, ou algum processo de sândi vocálico, podem ser consideradas sempre como palavras prosódicas independentes, porque constituem um pé e, portanto, recebem acento.

Dentre as palavras funcionais encontradas no *corpus*, as quais estão apresentadas em (2), as monossilábicas se configuram como sílabas átonas, pois não são inerentemente tônicas, nem estão em final de sintagma entoacional e, segundo a

---

<sup>3</sup> Convém ressaltar que não fizemos ainda uma análise detalhada de todas as palavras funcionais levantadas no texto, e discutimos apenas as que apresentaram resultados significativos. Tal análise será realizada por Toneli em andamento.

percepção auditiva do investigador, não são focalizadas. Tais propriedades nos levaram a caracterizá-las como desacentuadas e, por isso, as palavras monossilábicas funcionais produzidas nestes dados de PB não podem ser consideradas como palavras prosódicas independentes, salvo casos particulares que serão discutidos posteriormente (que).

Já as dissilábicas, excetuando poucos casos que discutiremos abaixo ('para', 'porque'), recebem pelo menos um acento no nível lexical, e não foi encontrado nenhum processo fonológico que afetasse essa configuração, por isso, elas constituem um pé e podem ser prosodizadas como palavras prosódicas independentes.

No caso da preposição 'para', por ser dissilábica, esperaríamos que recebesse acento em uma das sílabas e pudesse ser prosodizada como uma palavra prosódica independente, pois constituiria um pé. No entanto, no *corpus* analisado, quando em posição inicial de *I*, esta palavra foi produzida ora como 'para', ora na forma reduzida 'pra', pelos falantes de PB. Não foi encontrado esta preposição nas outras posições do sintagma entoacional.

Uma vez que o apagamento da vogal átona reduz o vocábulo dissílabo 'para' no monossílabo 'pra', não há neste a formação de um pé (formado sempre por duas moras ou duas sílabas, se não houver formação de pé degenerado) e, portanto, não pode receber acento. Por ser desprovida de acento, a variante 'pra' não pode ser prosodizada no léxico como uma palavra fonológica independente. Nesse caso, a redução da preposição poderia ser tomada como evidência de que é prosodizada como clítico e não como palavra prosódica independente, podendo ser adjungida a palavra lexical seguinte. Observe em (3).

(3)

Realização Fonética	[... para ...] <i>I</i>
[para]	75 %
[pra]	25 %

Outro dado relevante foi a realização da conjunção 'porque'. Dependendo da posição em que se encontrava dentro do sintagma entoacional (*I*), poderia receber acento tonal, e, portanto, poderia ser prosodizado como uma palavra prosódica independente. Quando a conjunção era realizada na posição final de *I*, o 'e' final não sofre a regra de redução e isso é tomado como evidência de que é prosodizada como palavra prosódica independente. Quanto à sua realização na posição inicial de *I*, os dados mostram que o 'e' final da conjunção 'porque' sofre redução, e isso pode ser evidência de que a conjunção não é acentuada, podendo, portanto, ser prosodizada como clítico. Observe em (4).

(4)

Realização fonética	[ <i>porque</i> ]	[ <i>porqui</i> ]
[até porque] <i>I</i> [eu desconfio...] <i>I</i>	100 %	0 %
[até porque eu desconfio...] <i>I</i>	0 %	100 %

No caso do complementizador 'que', como já fora afirmado por Vigário (1995) para o PE, quando em contexto 'final ou inicial de *I*', o complementizador recebe acento

tonal, e, pode ser prosodizado como uma palavra prosódica independente. Nos dados analisados, não foi encontrado o complementizador em posição final de *I*. Quanto à sua realização na posição inicial e medial de *I*, os dados analisados em PB parecem mostrar que o complementizador ‘que’ é prosodizado como uma sílaba átona que precisa de um hospedeiro para se apoiar, e a evidência para isso é redução da vogal final ‘e’ do complementizador. Observe em (5).

(5)

Realização Fonética	[... que ...] I	[que...] I
[ke]	1 %	2 %
[ki]	99 %	98 %

Essa diferença entre o estatuto prosódico do complementizador ‘que’ no PE e no PB em início de *I* pode estar relacionada a particularidades prosódicas e rítmicas das duas línguas, entretanto, essa é uma hipótese que merece ser melhor investigada em trabalhos futuros.

Uma vez que as palavras funcionais são prosodicamente inertes, precisam de um hospedeiro para se apoiar. Nossas hipóteses, com base na análise preliminar de dados de PB, são que as palavras funcionais, quando se configuram como sílabas átonas, ou seja, como clíticos, vão se adjungir a um hospedeiro seguinte no nível pós-lexical, e, dependendo da posição que ocupam dentro do sintagma entoacional, podem receber acento pós-lexical e se configurar como palavra prosódica independente.

#### Referências Bibliográficas:

- BISOL, L. (2000) “O clítico e seu status prosódico”. *Revista de estudos da Linguagem*. Belo Horizonte. v. 9, n. 1, p. 5-30.
- \_\_\_\_\_. (2005) “O clítico e seu hospedeiro”. *Letras de hoje*. Porto Alegre. V. 40, n. 3, p. 163- 184.
- COOK, V. J. & NEWSON, M. (1996) *Chomsky's Universal Grammar - an introduction (second edition)*. Oxford: Blackwell Publishers.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. (2004) *Manual de Sintaxe*. Insular: Florianópolis.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- SELKIRK, E. (1984) *Phonology and Syntax*. The Relation between Sound and Structure. Cambridge: The Mit Press.
- \_\_\_\_\_. (1995) “The prosodic structure of function words”. *Papers in Optimality Theory*, University of Massachusetts Occasional Papers, 18 ed. By J. BECKMAN *et al.*, p. 439-469. Amherst, Mass.: GLSA.
- VIGÁRIO, M. (1995) “On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese”. In: *Studies on the phonological word*. Current Issues in Linguistic Theory. Amsterdam/ Philadelphia.